



## “Os nêgo da Minervina e a Rede do Caruá”: confluências da memória e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí

Maria da Conceição Ferreira Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** O trançado da rede de caroá no Quilombo São João do Jatobazinho expressa a encruzilhada da memória com a *biointeração*<sup>2</sup> a ser compartilhada nesta *confluência*<sup>3</sup>. Buscamos identificar os atravessamentos entre identidades e territórios no trançado que confirma a re-existência quilombola através da tecnologia orgânica ancestral da rede. A metodologia aplicada foi orgânica, juntamente ao envolvimento com o território, exibição de filmes, roda de conversa e entrevistas com a geração avó do quilombo, oficina de fotografia e manuseio de câmera, além de um filme, sobre a comunidade.

**Palavras-Chave:** biointeração, Quilombo São João do Jatobazinho-Pi, oralidade, memória, metodologia orgânica.

**“Os nêgo da Minervina and the Rede do Caruá”: confluences of memory and biointeraction in Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí**

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Brasil - mct.lima@hotmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-0541-9591>

<sup>2</sup> Conceito do intelectual orgânico quilombola, Nego Bispo, apresentado no livro *Colonização, Quilombos: modos e significações*.

<sup>3</sup> Conceito do intelectual orgânico quilombola, Nego Bispo, apresentado no livro *Colonização, Quilombos: modos e significações*.

**ABSTRACT:** *The braiding of the caroá net in the Quilombo São João do Jatobazinho expresses the crossroads of memory with the biointeraction to be shared in this confluence. We sought to identify the intersections between identities and territories in the braiding that confirms the re-existence of quilombolas through the ancestral organic technology of the net. The methodology applied was organic, involving involvement with the territory, showing films, discussion circles and interviews with the grandparent generation of the quilombo, photography and camera handling workshops, as well as a film about the community.*

**Keywords:** *biointeraction, Quilombo São João do Jatobazinho-Pi, orality, memory, organic methodology.*

### **“Los negros de Minervina y la Red del Caruá”: confluencias de la memoria y la biointeracción en el Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí**

**RESUMEN:** El tejido de la red de caroá en el Quilombo São João do Jatobazinho expresa la encrucijada entre la memoria y la biointeracción que se comparte en esta confluencia. Buscamos identificar los entrecruzamientos entre identidades y territorios en el trenzado que confirma la reexistencia quilombola a través de la tecnología orgánica ancestral de la red. La metodología aplicada fue orgánica, con implicación directa con el territorio, exhibición de películas, círculos de conversación y entrevistas con la generación abuela del quilombo, además de talleres de fotografía y manejo de cámara, y la producción de una película sobre la comunidad.

**Palabras clave:** biointeracción, Quilombo São João do Jatobazinho-PI, oralidad, memoria, metodología orgánica.

### *RememOrí<sup>4</sup> é uma encruzilhada*

Cheia de performances, cosmossensações e sentições diversas. É se encantar a cada flecha disparada pelo tempo para se alembrar, no ato dos “*olhinhos fechados*”. *Do cumémesmo? Remorainda? Mésquitavenu, xô rê*. O som emitido pelos *dizê*, os *dizê* enfeitiçado, que caça o/no tempo, aquele tempo pra se alembrar, pra enfeitiçar ele e conseguir entrar dentro da espiral temporal... Que só quem

---

<sup>4</sup> Trazer a memOrí ancestral, por isso o Orí inserido. Referência ao filme Ori, narrado por Beatriz Nascimento de Raquel Gerber.

entende, quem entra nela. Bem *dizê* que “só quem veve sabe, sente”<sup>5</sup>. É quem se encanta. *Cuma?* se juntando com o nós que nos habita. Te *Oríentes*<sup>6</sup>, que vieram antes. *Onde se encantar?* se não nos portais, protegidos, defendidos pelas existências, re-existências, das cosmunidades, afropindorâmicas<sup>7</sup>.

Flechada se deu *pr'eus* fazer o “caminho de casa”, achei que fui em busca de algo, que acabei foi sendo encontrada, bem na encruza do cerrado e da caatinga! E foi eu sendo nós, que assim tive permissão de tocar num Orí ancestral – Orís encantado, inscrito aqui no portal imagem... Buscando fechar um ciclo, fazer uma travessia, entendi que não é um ciclo que fecharei, quero mesmo é estar dentro desse espiral, sendo e estando sempre no começo, meio e começo.

Quem é de vento sabe dançar na espiral dos tempos... *Eparrey*<sup>8</sup>!

*Bena* Dona Didi. *Bença* Dona Minervina. *Bença* Dona Rosa. *Bença* Dona Marta. *Bença* às Marias e às Flor.

## O que faz um povo preservar memória de uma história não contada?

Resistências e re-existências em comunidade é uma importante estratégia *contracolonialista*<sup>9</sup> de sobrevivência, ou seja, praticar a afroperspectividade ou ética ubuntu foi o que nos ajudou a sobreviver e nos ressignificar até aqui, em resumo – segundo Nogueira (2015) “A proposta de tematizar uma ética afroperspectivista através do ubuntu como modo de existir tem o intuito de produzir um futuro dentro do presente”. Vale pontuar que essa perspectiva de cosmovisão seria tridimensional: juntos ancestrais, viventes e os que virão (começo, meio e começo)<sup>10</sup>, construindo e resistindo, dando continuidade ao repasse dos modos e cotidiano, um só povo e muitas encruzilhadas de re-existências.

Um só povo na encruzilhava de sua existência afrodescendente, essa que foi espalhada através do tráfico negreiro, o maior crime de todos os tempos, não terminou por matar o que é de nós mais sagrado: a fé ou cosmovisão, responsável por fazer-nos reconectar com nossa raiz. Sendo a forma de ver o mundo e se envolver com ele, a partir do real compartilhamento no território, esse

<sup>5</sup> Uma forma dos mais velhos falar que “só quem vive na pele, é que sente”.

<sup>6</sup> Ref.: Francisco Phelipe Cunha, no artigo *Memória, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo*, disponível em [https://www.researchgate.net/publication/337467276\\_](https://www.researchgate.net/publication/337467276_)

<sup>7</sup> Recurso estilístico expressivo.

<sup>8</sup> Saudação a orixá Oyá.

<sup>9</sup> Conceito do intelectual orgânico quilombola, Nego Bispo, apresentado no livro *Colonização, Quilombos: modos e significações*.

<sup>10</sup> Frase referenciada no mestre e intelectual orgânico Nego Bispo;

movimento se liga à importância que damos à nossa liberdade, traduzida pela nossa busca constante. Temos como maior exemplo dessas construções de lugar de liberdade os Quilombos, que se colocam em confluência com o continente, seus fazeres, línguas, cultos e cotidiano. Segundo Kabengele Munanga (1995/1996), a terminologia *quilombo* já era utilizada antes, no continente africano, com origem do quimbundo (língua de cultura banto), significando união, aldeia ou acampamento guerreiro na floresta. Georgia Nunes explica:

O termo remanescente, deriva da palavra remanescer, cujo sinônimo é sobra, subverte a etimologiavra. Comunidade remanescente de quilombo não é resíduo, mas sim complementariedade, continuidade que, em outros tempos, produz em diferentes lógicas de se tecer relações, enfrentamentos e outros modos de vida assoprados pelos ancestrais (Nunes, 2008, p. 200).

Apesar de toda violência, sobrevivemos em todo o globo terrestre, e mais do que isso, foi dada continuidade à África que existe em nós. Nos interligamos de várias formas, qual seja, cosmovisão, corporalidade e circularidade, além da musicalidade, danças e comidas, pontuando-se que o legado africano é também intelectual, a exemplo das diversas tecnologias criadas e reinventadas.

Para além da luta contra o embranquecimento, há uma luta também contra a colonização. Lutam pela preservação de um modo de viver e pensar de raiz africana, por isso o resgate da identidade via oralidade e espiritualidade é um passo importante para a re-existência desse povo global, ou seja, a renascença africana.

Quilombo é oralidade e produção de significados, pois “*Nossos passos vêm de longe*”, palavras que ecoam e que têm sua morada nos “*dizeres*” dos mais velhos, uma constatação real. O resgate desses passos feito pelo tempo circular encontra sua morada em nossos pretos velhos, nos ajudando a fazer um exercício de resgate da memória, através da oralidade. Por meio da oralidade são elaborados saberes orgânicos, cosmológicos, ancestrais guardados e compartilhados pelas mestras e mestres de ofícios, nos territórios de quilombo, comunidades ribeirinhas e pescadoras, povos de terreiro, pelos pajés e xamãs dos povos indígenas ou melhor nomeados como Pindorâmicos. Tal conceito é resgatado pelo Mestre Nêgo Bispo (2015), pois, quando os colonizadores e invasores chegaram, essa terra se chamava Pindorama<sup>11</sup>, significando terra das palmeiras. Essa epistemologia de saberes orgânicos, modos e significados que ao olhar do outro é inferior e sem serventia, são vistos como atrasados.

11 Uma afirmação que se encontra no livro Colonização e Quilombos: modos e significados, um diálogo estabelecido entre Nego Bispo e Cacique Babau, pertencente a etnia Tupinambá de Olivença.

A resistência e re-existência<sup>12</sup> entendem-se como movimentos dialéticos nos quais sedimentam a ancestralidade na memória e, na identidade, o espaço dinamizador da cultura de matriz africana. Compreendemos o quilombo como espaço de prática de resistência cultural, epistemológica e política, identificando nos espaços contraditórios de regulação e emancipação, a formação de um conjunto de saberes, oriundos da história da tradição africana, expressa em inúmeras dimensões e inter-relações da vida em que o ponto de equilíbrio entre regulação e emancipação é um processo desestabilizante e contraditório. Temos então os quilombos como um tributo à força da resistência africana e afrobrasileira que não se rendeu à servidão.

Na luta pelo reconhecimento e (re)apropriação do legado epistemológico e cultural, os grupos oprimidos resistem ao “sistema-mundo moderno-colonial” (Quijano, 2005, p.200) por meio dessa cultura de resistência, apelidada de popular, enquanto “resistem ao sistema sem relação direta a ele” (Dussel, 1997, p.29).

Hampaé Bâ (2010) afirma que nas sociedades de tradição oral, há uma força que vincula o ser humano com a palavra, que este permanece ligado àquela que profere porque ela possui um caráter sagrado e nela se vinculam os aspectos fundantes de uma realidade. Em tradição oral e sua metodologia Vansina (2010, p.150) define a oralidade “como testemunho transmitido de uma geração a outra” e a tradição como um “conjunto de estruturas mentais” que constituem as representações coletivas inconscientes de uma civilização, e influenciam todas as suas “formas de expressão ao mesmo tempo que constituem sua concepção do mundo”, diferentes de uma sociedade para outra (Vansina, 2010, p.153).

## Encruzilhadas de re-existências

Os quilombos são espaços de criações e recriações de Áfricas, de epistemologias, noções outras do *ser*, porém o contraponto disso é um apagão histórico – nós temos de trazer à tona essa intelectualidade negra com subjetividade africana, construir pontes e ir para além limites das fronteiras dos saberes, tanto o orgânico (*saber formulado pela linguagem oral - ser/práxis*) e o sintético (*saber formulado pela linguagem escrita - ter/acadêmico*). Pois o orgânico dialoga com as fronteiras, sem limites – é *ubuntu*, porque somos constituídos de uma história e de fontes que datam de muito antes do tráfico negreiro, e que tentaram eliminar de nós, mas não se elimina o que já nasce em nós. O processo colonial nada mais é do que a destruição do ser africano.

---

<sup>12</sup> Noção de re-existência na poesia de Conceição Evaristo, no poema vozes mulheres, trata-se da capacidade de mulheres negras e comunidades resistirem as opressões sociais e interseccional.

E segundo o intelectual orgânico Nego Bispo, “o saber quilombola o que mais ameaça o sistema são os povos em comunidades tradicionais, por que são donos de um saber transmitido pela oralidade e que espontaneamente compartilha” (BISPO, 2015). Oralidade, práticas expressivas e os espaços coletivos (de comunidade e de resistência) que geram e transmitem história (*memória*), cultura, e sabedoria também representam a ancestralidade. São as brincadeiras de rodas, as farinhadas e as festas umbandistas. Terreiros, quilombos e comunidades de beira-rio são comunidades que historicamente estão à margem dos produtos midiáticos e projetos de desenvolvimento que promovem bem-estar socioambiental, que não conseguem se enxergar com veracidade, partindo, portanto, à criação de suas próprias alternativas de resistência cultural.

Não é uma tentativa de reestabelecer ou voltar para um passado romântico, algo que o povo preto nem pode dizer que teve no Brasil, mas uma tentativa de pensar, desenvolver e transmitir a cultura, experiência, e a memória ancestral para nos orientar no presente. Um só povo e muitas encruzilhadas de (re)existência, fundadores e construtores dos mundos, modos e saberes do lado de cá do atlântico negro.<sup>13</sup>

Pensando nessa produção de sentido a partir desse contato e confluência desse saber orgânico é que colocamos o intelectual orgânico Nego Bispo como ponto de partida dessa confluência de saberes que carregam consigo diversas existência/saber ser de povos em diásporas e retomadas, fazendo a guarda de memórias no fazer cotidiano, na contação de histórias próprias e compartilhamento de tecnologias como rezas, receitas, um canto de reis, uma dança de São Gonçalo ou uma pega de jumento na caatinga, são os modos repassados que promovem a guarda da identidade e pertencimento de uma comunidade com o seu território. Apesar dos destroços do colonialismo, nos tornamos proprietários da nossa própria história através da oralidade – que ao ver desse povo é ponta de lança para uma reconstrução civilizatória.

## “SOMOS O COMEÇO, O MEIO E O FIM”: INÍCIO DE UMA PROSA

Por onde começaremos? Acho que o começo é com minha Vó Odília. Pois, de acordo com a ancestralidade, que tanto está na África quanto em nossas Aldeias, a circularidade da vida do povo *afropindorâmico*<sup>14</sup> se expressa pelas suas gerações. Nêgo Bispo, quilombola, lavrador da terra e de palavras germinantes,

13 Referencia ao “O Atlântico Negro” de Paul Gilroy.

14 Nomeação resgata por Nêgo Bispo, para se referir aos povos negros e ameríndios / indígenas; Pindorama é o nome dado a todo território americano.

afirma que a “geração avó é o começo, a geração mãe, o meio e a geração neta o começo novamente” ().

E foi esse começo, como netas, que possibilitou o encontro de nossas memórias. Dona Didi começou rememorando a Bisavó e a Avó, buscando as lembranças delas através de sua Mãe, Dona Minervina. Em alguns momentos tornando o invisível, visível; aquele momento que a memória, em meio ao seu território, se mostra através do olhar que resgata as lembranças no fundo da *memória cardíaca*<sup>15</sup>. Trazendo para o centro da prosa o elo entre as gerações, a tecnologia da rede de caroá, na qual o tecer é performar, se inscrever e guardar no ritual a memória e as histórias, incorporando e fazendo a guarda e o compartilhamento do trançado, ensinado pela oralidade e pela observação. E como Mestre Nêgo Bispo sempre fala, o povo afropindorâmico é proprietário da própria história que é guardada nas cantorias, nas rezas, nas danças e em seu artesanato.

Essa *escrevivência*<sup>16</sup> partilhará da encruzilhada<sup>17</sup>, de onde deriva a oralitura<sup>18</sup> da Mestra e artesã Dona Didi, que faz a guarda de memórias e técnicas de sobrevivência de sua comunidade. Ela é a matriarca do quilombo e inicia a transmissão de seus conhecimentos às mais novas com histórias, conselhos e com saudades. Baseamos nosso trabalho em uma escuta atenta que busca confluências com as trocas ancestrais e contemporâneas, com o propósito de se nascer uma escrita que se faz em conjunto, compartilhando, assuntando os encontros e os atravessamentos das corpas<sup>19</sup> em performance que servem para a guarda através do tecer. Como afirma Leda Martins (2003): “a palavra proferida grava-se no corpo, lugar da sabedoria”. Esse mesmo corpo que tem uma percepção de si e contra o “olhar do outro” que produz múltiplos estereótipos que sobrecaem aos “Nêgo da Minervina”, como “um elemento chave no exercício da violência simbólica” (HALL, 1997). A palavra é um verdadeiro feitiço para sobrevivência da comunidade, dos territórios existenciais quilombolas, uma vez que eles não travam apenas uma luta por terra, mas também pela própria existência.

O que guarda a memória quilombola é o fazer orgânico. Quando a memória ganha também uma corpa ela consegue sobreviver pela imagem que se tem

<sup>15</sup> O filósofo e escriba egípcio Amenomope cria o conceito de coração ou cardiografia e fala sobre o papel do coração no pensamento. Aqui tento estabelecer o conceito de “memória cardíaca.”

<sup>16</sup> Escrita que nasce com-vivendo, trocando, compartilhando o cotidiano, fazendo conexões experienciadas pelas afropindorâmicas – conceito criado por Conceição Evaristo no livro “Ponciá Vicêncio” (2003).

<sup>17</sup> Utilizaremos do termo encruzilhada como uma clave teórica, que usa a ancestralidade como filosofia orgânica, que experiência, vivência no e com. Termo cunhado epistemologicamente por Leda Martins no livro “Afrografias da Memória” (1995).

<sup>18</sup> Trazemos para a gira o termo Oralitura também pautado por Leda Maria Martins (1995).

<sup>19</sup> A corpa como território de multiplicidade de ser e de essências.

daquele modo de fazer e viver. Assim é o trançar do caroá: se ensina o trançado e se tece a história de como aquela mais velha aprendeu, quem a ensinou e sua gratidão. Sim, pois o existir dessa *cosmunidade*<sup>20</sup> só existe pela conexão com a Biointeração<sup>21</sup>, que guarda e é guardada por uma planta que só existe (no mundo) naquele território existencial da caatinga.

Além da performance ritual do trançar a rede do caroá, se inscreve naquele *modo de fazer* o local da memória. Essa *oralitura* tem um corpo ancestral no passado e ao mesmo tempo no presente e no futuro, pois só morre quem não é lembrado, como Amadou Hampatê-ba (2010) observa e acrescenta: “na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima”. Da mesma forma é Jatobazinho, que hoje tem na Matriarca Didi, a última filha viva de Dona Minervina, Mestre da oralidade e do artesanato de caroá, e que faz do trançado uma epistemologia de passar a história, a memória, o conselho, a reza e o afeto.

O encontro se apresenta encantado e a narrativa não poderia ser outra que não a do encantamento, do envolvimento e da partilha. Com isso, teremos a presença do sentir que “...vai além do visível, do pensável e do dizível”, como nos mostra Vanda Machado (2006), e então ela também foi convidada a conversar com a gente. Vale sublinhar que o tecer dessa prosa orgânica terá presença da ancestralidade como método, pois a temos como fonte de epistemologias re-criadas, agência e construção de uma identidade existente nos territórios existenciais quilombolas como propunha Beatriz do Nascimento.

Por isso a visão de Leda Maria Martins fora explorada. O que ela apresenta no texto *Perfomances da oralitura; corpo, lugar da memória*, nos conecta com a metodologia da Mestra e dos Mestres da oralidade, no caso de Jatobazinho – na transmissão da história de sujeitos territorializados no tecer da rede de caroá.

Bispo sempre fala que são os povos originários, quilombolas, xamãs e comunidades tradicionais os que mais ameaçam o sistema mundo colonialista atual (SANTOS, 2015). Quando se ataca esses povos em seus territórios, não se ataca somente a terra. O foco desse ataque é o modo de vida, de ver e viver o mundo, no mundo e com o mundo, sem hierarquia e com biointeração, mantendo respeito pelo tempo das coisas e das vidas. Povos afropindorânicos guardam e re-transmitem no território as suas histórias, no modo de fazer, assim preservando a memória de sua própria história. Os colonizadores veem no território

<sup>20</sup> Aqui ênfase da autora, parte do termo pensado pela autora, onde faz a junção de cosmo+comunidade, onde a comunidade contém em si já o seu cosmo, sendo então a representação do território espiritual existencial. Entrarei em detalhes no decorrer do uso deste conceito.

<sup>21</sup> Conceito de Nêgo Bispo. A metáfora será explicada mais adiante: “O melhor lugar pra guardar o peixe é no rio”.

somente a terra que deve ser extermínada, física e epistemologicamente. Já as nossas mestras a re-nomeiam como território ancestral, fazem a guarda da resistência do *ser*, dos *signos*, dos *rituais*, dos *símbolos*, dos *significados* e das *técnicas* acessados a partir da oralidade.

Por aqui teremos a audácia de com essa escrevivência sermos rio. Então você me pergunta: “como assim rio? o que tem a ver?”. Quando evoco o rio de Mãe Oxum<sup>22</sup>, vejo que não só duas afropindorâmicas se encontraram — reencontraram. Nossos rios também se encontram, pois ambas nasceram rente a um rio, sendo atravessadas por eles, rio Porção e rio Marathaoan, ambos se encontram em nosso reencontro.

Esse rio, com sua pequena nascente consegue ser barragem, ser riacho, lagoa, *inté* chegar na Atlântica. Como não nos banhamos na mesma água, o rio representa sempre um primeiro encontro. E se pensarmos o rio em espiral, de acordo com o saber orgânico, se explica o seguinte: independentemente do que cai no rio, sempre se formarão vários círculos. O rio seria travessia para possibilidades, trocas, transformações, magia. Assim, há diversas vivências orgânicas sendo descritas a partir da ida ao rio ou pelo rio, a roça, a escola, a associação, a casinha pro curandeiro, as gravações, os cines, os cafés da manhã, os almoços, o café da tarde, o pé de wi-fi<sup>23</sup>, o caroá, o feijão verde, o galo, confluências possíveis para o resgate da trança da memória, escre-vivendo<sup>24</sup> a metodologia no compartilhamento, do orgânico.

A prosa foi compartilhada assim como os momentos, espelhados em cada processo da lida com a planta do caroá: colher, raspar os espinhos, deixar de molho, estender no sol e trançar a artesania de memórias. O primeiro momento foi atravessado pela transmissão de um testemunho memorial de uma Mestra da oralidade e artesã. Tratou-se de uma encruzilhada, como um rio que tem vários caminhos e esses caminhos se encontram, e quando se encontram é para fazer algo juntas; conexão mesmo, através de atravessamentos orgânicos, havendo a partir do encontro, a narrativa de começo dessa prosa.

*Adiente*<sup>25</sup> fará uma costura da memória e da sobrevivência através da biointeração, envolvidos à confluência com os viventes parentes da natureza. As

---

<sup>22</sup> Oxum é um orixá da Religião Afro-Brasileira, vive na água doce, é mãe ancestral, princípio da concepção, liderança e da solidariedade na família. Matriarcado.

<sup>23</sup> “pé de wi-fi” é o apelido dado a uma grande árvore de Neem e que fica na frente da casa da liderança Genivaldo, e lá é um ponto central de internet da comunidade, ficando muitas pessoas embaixo desse pé, tanto pra conversar, como pra pegar um sinal de internet, se transformando assim em pé de wi-fi.

<sup>24</sup> Referência a escrevivência elaborada por Conceição Evaristo em seus inscritos.

<sup>25</sup> Como povo sertanejo fala o “adiante”.

tecnologias de sobrevivência fazem cruzo com a natureza, onde o corpo performa a memória no trançar e, através dela, demonstra o jeito de ser e praticar o quilombismo. Rede é o símbolo e ao mesmo tempo o significado. A base dessa escrita é a ancestralidade, pois falar de passado é estar em trânsito com o presente e o futuro, ou seja, é estar na encruzilhada, onde há constante movimento e coletivo.

*Adiente* de novo abordamos a identidade quilombo e seus cruzamentos. Quem é quilombo? O que é quilombo hoje? Para Beatriz Nascimento (), a poesia era um espaço de quilombo, por exemplo. É uma cosunidade, território espiritual existencial — território-defesa. Traremos a identidade que Bispo reivindica, qual seja, a de afroquilombola. Já no quarto momento, faremos uma análise da representação do Jatobazinho, suas circularidades contracolonizadoras e atravessamentos colonizadores.

Por começo circular que vai e volta – como a memória -, apontamos a epistemologia quilombista na partilha e envolvimento orgânico da cosunidade. Sendo essa pesquisa compartilhada, um capítulo da mesma será a personagem principal, a co-pesquisadora Dona Didi, que está se comunicando conosco e com suas memórias, confluindo entre ancestralidade, biointeração e memória.

Nesse ensaio, dialogamos com a ancestralidade, sendo essa uma ponte chave para o encontro com narradores narrados pela força da lembrança, da memória, dos rastros, do clima, da performance corporal reproduzida, como guarda de um segredo, responsável pela existência daquele território quilombola. Quero aqui informar que quando trouxermos a ancestralidade para conversar, não será somente por vozes, da palavra dita, será também pela imagem, pelo silêncio, pelos sons, pelas rotinas e pelo ritual.

“O território tem espiritualidade, por isso o sistema utiliza do conceito ‘terra’, por que a terra é neutro e território tem identidade”. Nessas palavras de José Carlos dos Anjos (2013) se expressa o que pontua Beatriz Nascimento (1975), que via quilombo para além da experiência territorial: como forma também subjetiva, existencial, que recria, refaz e tem a ver com o modo de vida africano, uma identidade cultural atravessada por esse território ancestral. Como quilombo é forma de defesa e ataque e guarda, Beatriz Nascimento (1975) nos indica que a poesia é também um espaço de quilombo, que narra a subjetividade da corporalidade negra em performance, que liberta da mera descrição sem profundidade. Que ao ler, você se transporta ao sentir imagético.

Viver a poesia de certa forma, é assegurar o direito à fala, pois pela criação poética pode-se ocupar um lugar vazio apresentando uma contra-fala ao discurso oficial, ao discurso do poder (Evaristo, 2007).

O chão do território guarda o axé de nossos antepassados, que continuam presentes. Não é só chão. Como afirma Santos: “O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influí”. (SANTOS, 2000, p. 96).

Essa escrevivência buscou compartilhar de uma forma de escrever/narrar contra-colonialista (SANTOS, 2015), na qual as conversas, depoimentos e escutas se fizeram em trocas de histórias, confluências de memórias. Trocamos histórias, conversas animadas ao fim do dia ou bem no início dele.

O partilhar de memórias, esse resgate e exercício do rememorar que nossos griôs fazem, demonstra que ainda não fomos vencidos por esse sistema colonial. E não houve derrota porque nas cosmunidades se vivencia outro tempo, se vivencia os tempos. Como já diz nosso provérbio quilombista, *o apressado come cru*. Acho que assim também seja o escrever, o chegar em campo. A escrevivência é um encontro na encruzilhada das vidas que caminham conosco, que se encontram e ou voltam a reencontrar-se. Como bem descreve Beatriz Nascimento (1992):

Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse *mim* contém muitos, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização. Disto me vem um grande arder que às vezes paralisa a produção, sem a interlocução do outro. É um momento de alteridade muito sólida, a solidão do Pantera Negra ou de Biko. É também como aquela inquietação descrita por Félix Guattari e Deleuze, “*falar e sobretudo escrever é jejuar*” (Nascimento, 1992).

Da mesma forma se faz essa escrita, que se propõe a tecer as memórias, seja do cotidiano do trabalho, dos atravessamentos dos corpos descendentes de Dona Minervina. É quase como se fosse uma grande colcha de retalhos das memórias, na qual, por sorte, ainda se encontra a memória vívida, guardada pela mais velha, Mestre da Oralidade e artesã do Caroá Dona Didi, no Jatobazinho. Em um primeiro re-encontro, ela apressou-se a fazer o exercício de rememorar, entre o apertar de olhos para lembrar, até o buscar planta para resgatar significados. Ela carrega tantes *outres* em sua memória, que o exercício principal de não esquecer é performar a oralidade no artesanato. É que o trançado é o portal de entrada ao passado guardado e performado no presente pela Griô. Respeitar esse território é tecer a narrativa como escrita nas redes.

Nosso ponto de começo é quem somos, nossas trajetórias, que no encontro se fazem confluência. O confiar aparece pela troca de memórias. Minha escuta atenta e, às vezes, impaciente tentou me pregar peças, ao mesmo tempo que o

conforto daquele lugar me fazia estar em casa, recebida na grande família, aqueles que foram nomeados de “Nêgos da Minervina”.

De maneira geral, a memória africana registra toda cena: o cenário, os personagens, suas palavras, até mesmo os mínimos detalhes. Todos os detalhes possuem sua importância para a verdade do quadro. Ou narra o acontecimento em sua integridade ou não se narra. Se lhe for solicitado resumir uma passagem ele (o tradicionalista) responderá: Se não tens tempo para ouvir-me, contarei um outro dia. (BÂ,1982, p. 215).

Na Associação do Quilombo São João do Jatobazinho, no exercício da memória, as performances, gestos e palavras vivas e emocionadas se fizeram presentes, como num engasgo que já estava quase esquecido pelo tempo. Nessa cosmunidade<sup>26</sup>, o passado foi reacendido pela ancestralidade no tempo espiralar. A possibilidade de construção desta pesquisa acadêmica através da escrevivência contra colonial é viável, pelo trânsito de mestras e mestres griôs estarem reivindicando a força de sua oralidade, adentrando em espaços acadêmicos para compartilhar suas epistemologias, a exemplo do intelectual orgânico qui-lombola Nêgo Bispo que confluí saber orgânico e saber sintético. Além disso, as cotas estão possibilitando a entrada de negras e negros, pindorâmicos, pessoas oriundas de comunidades tradicionais nos programas de pós-graduação, e estarmos disputando em como contar a nossa história, em tinta preta, para assim evitar “*o perigo da história única*”.

Utilizamos neste trabalho a metodologia compartilhada, feita junto com a lembrança, a memória e o tempo espiralar sendo revisitados para que tentemos transcrever nessa língua colonial o vivido-sentido-dito-escutado. Tendo como base o compromisso como missão, nesta pesquisa tenho o maior cuidado, afinal as memórias são as riquezas de um quilombo. Tudo que foi ouvido/ visto no âmbito de história, de reza, de receita e tudo mais, será medido na dosagem que me permitirem narrar e descrever.

Sobre a metodologia adotada, como caminhada dessa construção conjunta, além do cine *afroquilombola*<sup>27</sup>, trocamos conhecimentos em oficina de comunicação/câmera, além de nos reunirmos em momentos chaves de encontros com as diversas gerações pra prosear, passear, estar juntas embaixo do pé de wifi, na casa de Genival, presidente da Associação do Quilombo, na única qui-tanda que havia ou nas roças dos mais velhos. Diversos foram os encontros,

<sup>26</sup> Termo cunhado pela autora.

<sup>27</sup> Mestre Nego Bispo em alguns momentos se referenciava ao povo afrobrasileiro, como afroquilombola.

a cada dia que ficávamos as trocas eram mais afetuosas. Tivemos momentos de trocas cuidadosas proseando ali durante o cafezinho após o almoço, sobre temas como a presença feminina no quilombo, pois notamos a ausência das mulheres jovens na comunidade assim que chegamos e, com alguns dias, descobrimos onde algumas delas realmente estavam, à medida que os laços iam se firmando e a confiança sendo conquistada.

Houve momentos de tecer, inclusive, uma análise coletiva do porquê do fechamento da única escola do quilombo, do porquê do apelido “*Nêgo da Minervina*”, que um dia foi motivo de vergonha, de opressão e que com o tempo foi ressignificado pelos descendentes. Tentamos também fazer uma árvore genealógica tímida, já que o fato de que há tantas pessoas com cegueira total ou de baixa visão na comunidade, dava a entender as duras estratégias de sobrevivência da comunidade. Fizemos leituras das falas, dos gestos, das performances e das defesas. Dos eventos, desde a criação de um grupo no *WhatsApp*, idealizado e criado no momento de uma dessas prosas de café, até a cobertura do jogo de futebol, depois cine com exibição do jogo e troca de músicas no pendrive.

O encontro, a chegada, a conexão, as partilhas, o cuidado, o afeto, os rituais, as performances, o corpo, a leitura da voz e do canto, tudo que se vive ou *veve* na comunidade, levaremos em consideração, afinal são conexões da com-vivência com a comunidade.

Partimos do entendimento de valores comuns ou, melhor dizendo, *modos e significados*, de relações na criação e na vivência, elementos comuns que se ligam pelas lembranças trocadas, de um modo de vida com elementos sagrados, orientado pela força cósmica rente à natureza. Consideramos a ancestralidade como fonte de epistemologia, agência e construção da identidade e pertencimento compartilhado através da oralidade, em seu ato performático de tecer redes e palavras; uma artesania da historiografia de uma comunidade. E a imagem será fundante deste processo, pois foi meio de encontro, de aproximação e de entendimento.

Pensar dessa forma é trazer para nosso encontro a filosofia *UBUNTU*. De acordo com Ramose (1999), *ubu* evocaria a ideia do Ser, indicando tudo que está ao nosso redor, tudo que temos em comum, anterior às manifestações particulares ou modos de existências, enquanto o termo *ntu* significa a parte essencial de tudo que existe, tudo que está sendo e se transformando (movimento diaspórico, por exemplo), já indica toda manifestação particular, os modos distintos de existência. Segundo Noguera (2012, p. 148):

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, *umuntu ngumuntu ngabantu* (uma pessoa é uma pessoa

através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas (Noguera 2012, p. 148).

Quando se nasce em comunidade/cosmunidade, e por comunidade, entendemos todos os seres viventes, visíveis e invisíveis, somos atravessados por conselhos e modos de ser, antes do *adestramento*, da ida à escola, essa instituição colonial de adestramento dos povos, como nos lembra Santos (2015). Tecer essa colcha de retalhos, de memórias/lembranças em tempo espiralar e conectar vidas, a minha, a sua, a da Comunidade tem sido um desafio.

Recordar é preciso  
O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos  
A memória bravia lança o leme: Recordar é preciso.  
O movimento vaivém nas águas-lembranças dos meus marejados olhos  
transborda-me a vida,  
salgando-me o rosto e o gosto. Sou eternamente naufraga,  
mas os fundos oceanos não me amedrontam e nem me imobilizam.  
Uma paixão profunda é a bóia que me emerge. Sei que o mistério subsiste  
além das águas.  
(Evaristo, 2008)

Os nossos encontros de recordações se deram em dois momentos: no ano de 2019 e no ano de 2020. Quanto às confluências teóricas, como a com Antônio Bispo dos Santos, se deram por encontros, muitos diálogos, palestras, ligações telefônicas, leitura de seu livro, visitas e videoconferências. As demais aqui trazidas se deram por referenciais orgânicos que, para além da escrita, tem uma trajetória nesse espaço, também escrevivenciam, com-vivendo e compartilhando de sujeita para sujeita.

Além dos métodos de pesquisa já desenhados, houve a participação na escola que atende os jovens e crianças do Quilombo, momento importante de troca com grupos das comunidades vizinhas e observação de como a escola lida com a presença da identidade quilombola em sala e seus atravessamentos. Vale destacar que, além da metodologia compartilhada, esta pesquisa adotou a pesquisa ação participativa, pois o meu Mestre de Orientação deste trabalho sempre pontua a importância do retorno à/para a comunidade, no sentido de articular saber orgânico e saber sintético, caminhando, principalmente, pelas sabenças quilombolas *contracolonialistas* e dialogando com o conhecimento científico,

sendo essa uma ação de descolonizar o que em algum momento foi adestrado pelo colonialismo, caso das instituições do Estado.

Uma preocupação deste trabalho é me manter fiel à *memOría*, entendendo que mesmo embaralhada ela segue um ritmo, um ritual ou, por assim dizer, percorre seu próprio tempo, e sempre falamos de tempo, pois partir de um tempo no Nordeste é diferente de partir de um tempo no Sudeste. Ainda mais quando se está em um território sagrado, numa encruzilhada de saberes.

Como se nomeou recentemente Nego Bispo, gostaria de também referenciar como a afroquilombola e intelectual Beatriz Nascimento foi importante nessa confluência, pois fala de identidades, imagem, território, memória, do Orí e sua relação com o território quilombo como território existencial. Beatriz Nascimento inaugurou um campo para nós, para o nosso território, que carece de proteção. E trazé-la é me identificar com sua trajetória e angústias, afinal, somos corpos-trânsito se encontrando na encruzilhada de sentidos e discursos, o que Dubois (1970) nomeou de dupla fala ou consciência: a academia e a ancestralidade.

Essa escrevivência se dá como forma de compromisso com quem me confiou suas memórias, suas rezas de proteção e afeto. Não se trata somente de um campo, mas sim de uma missão de continuidade de lutas travadas por Povos (*afropindorâmicos*) há mais de 500 (quinhentos) anos. Entendemos que a epistemologia envolvida nos territórios quilombolas são armas de defesa contra colonialista, e nada mais justo do que essa narrativa-oral-existencial de uma comunidade poder vir a servir para batalhas contra os aparelhos coloniais do Estado. Quando fomos atrás do único material escrito que descreve a comunidade, um *livro da extinta Empresa de Assistência e Extensão Rural (EMATER)*<sup>28</sup>, não o encontramos. A instituição do Estado ainda fiscaliza, ou melhor, monitora as Comunidades Quilombolas e rurais da região, desenvolvendo projetos junto a instituições internacionais. Também chegou até nós um pequeno vídeo com a irmã de Dona Didi, Luzia, que infelizmente mostrava uma narrativa empobrecida (a partir da ausência e não potência, como ocorre em todos os territórios dos povos e comunidades tradicionais) e estereotipada tanto des sujeitos como do território, partindo da ausência, aquele discurso do “*sertão nordestino e a pobreza*”.

---

<sup>28</sup> Atual Instituto de Assistência Técnica de Extensão Rural do Piauí, responsável por projetos de erradicação da “pobreza” nas comunidades rurais do semiárido. “A partir do ano de 2003, iniciou-se a Reestruturação do Serviço de Assistência Técnica e Extensão Rural no Estado do Piauí, priorizando - se a Agricultura Familiar, a Reforma Agrária, a inclusão dos Afrodescendentes e Quilombolas, dos Ribeirinhos e residentes no entorno de barragens e Ações específicas para a convivência no Semiárido.” (PIAUÍ, [s.d.])

Trançamos uma narrativa espiralada, na qual os pontos sempre estarão ligados, ou deixados no modo *start* para você refletir. A ideia surgiu porque os mais velhos sempre dizem, quando perguntados de alguma reza, que o segredo não se conta. Por isso, temos de fazer metáforas e estratégias de revide, como Santos (2015, p. 91) nos en-sina: “Temos de transformar as armas deles em defesa e tomar cuidado para que eles não capturem nossa defesa e a transformem em armas para nos atacar”, pegou a visão?

Dito isso em nossa escrita-performance da escrevivência atravessada em nossa trajetória, se utilizando das epistemologias orgânicas, e assim lhes convidaremos a um passeio por suas memórias em conexão com as que traremos aqui para confluenciar, sem sobreposições. Utilizamos também da tática de diálogo pela poesia, que estará inserida no texto e optamos por trazer à autoria, Dona Didi, também através do diálogo e, assim, compartilhar essa escrita com ela.

Devem se perguntar qual a relevância desse instrumento oral escrito aqui, né verdade? Acreditamos que os povos afropindoâmicos são os guardiões de sua própria história e estratégias de *sobre-viver* e *cosmoviver*, sendo assim escrever no papel pode ser uma proposta de inscrever em outro formato algo que já tá simbolizado e imortalizado, e aqui eu exemplifico no caso dessa rede de *coroa* como prova da vida e vivência desses sujeitos, pensando que essa população trazida aqui é, na verdade, uma grande parcela de um povo, esse que luta pelo não apagamento de sua história, de sua memória - povo *afroquilombola, afro-pindorâmico*. Queremos ainda pontuar que aqui não se trata somente de uma pesquisa acadêmica, acreditamos que seja um resgate de presenças ancestrais atravessadas nas duas sujeitas.

### “Extraímos os frutos das árvores”: o trançado da memória impresso na alma

Você já tentou segurar a água ou o vento? Já tentou descrever? Mesmo não vendo, a gente sente, não é? Agora imagine descrever as memórias. Acredito que deva ser de uma responsabilidade sem tamanho, uma escrita que antes de tudo foi sentida, que para ser traduzida ganha corpo, ganha performance. É assim que acho que deva ser a oralitura, quando se torna portal do imagético, como a poesia que é flecha da temporalidade espiralar, tem movimento e sensações.

Mas como fazer isso, você deve estar se perguntando. Para isso preciso lhe convidar a estar nessa leitura de corpo presente, como se estive no meu encontro, ou melhor, quando fui encontrada por Dona Didi e a Comunidade São João do Jatobazinho. Aqui repito o que disse na introdução, o começo, antes de tudo, é com a geração avô, já estávamos com ela e ela está em nós. Trago essa

escrevivência à medida que faço a performance do *olhim fechado*, que é quando buscamos em nossa memória a imagem que tá lá no cérebro cardíaco. É que antes de tudo somos os nossos sentidos, à medida que são atravessados por coisas, reconectam com as imagens faladas.

Bateu novamente no peito, é a morada da terra. Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo todinho. No meu peito mora a Água Negra, não no documento da fazenda da senhora e seu marido. Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas vocês nunca irão arrancar terra de mim. (ITAMAR VIEIRA JUNIOR, 2020, p. 229-230).

E como isso é possível? Será através do encontro na encruzilhada, de territórios e memórias. Só que até chegarmos nele, nesse momento chave que me trouxe aqui, é necessário falar da caminhada e do caminho e dos outros encontros, que me conectaram com o Quilombo São João do Jatobazinho.

Como [autora] chegou até São João do Jatobazinho, ainda mais estando morando no Rio de Janeiro? Foi a guiança de quem orientou a autora, Nego Bispo quem direcionou o campo do Quilombo São João do Jatobazinho ou Quilombo das Minervinas, em Dom Inocêncio, na caatinga sertaneja. Sempre quando vou iniciar uma fala sobre qualquer temática que me convidam, e atualmente, para falar sobre essa pesquisa ou sobre o pensamento de Nêgo Bispo, início por quem sou, como me identifico, de que território eu venho. Falo sobre meu corpo trânsito, ou diaspórico que adentra “*não lugares*” de Fanon ou corpo em ginga. Dessa forma, me faz recordar o percurso de pessoas negras dentro das Universidades, pessoas que tinham Orí e, como acrescenta Beatriz Nascimento, esse Orí tinha relação com o território. Ou, como é falado lá no Piauí, “*tu sai do mato, mas o mato não sai de ti*<sup>29</sup>”, uma relação forte de ligação com nossa identidade. O não dito, aqui gritado, parte um pouco sobre a construção do sujeito tornar-se negro, tirados de seu lugar de agência e potência, para ser tipificado/nomeado por uma inferiorização e mira colonial, os anos de escravidão.

Sou autonomeada [autora], de nome [autora], costumo dizer que nasci no rio, que me acompanhou a vida toda, e ainda acompanha. Dizer isso me reporta às minhas lembranças, não só minhas, mais também as que cresci ouvindo minha Mãe falar, minha avó e avô e outros mais velhos. E por nascer no rio, rio Marathaoan mais especificamente, sou ribeirinha, pois sempre morei do lado do rio, às vezes o tendo ele atrás, não tão longe do quintal, a pesca sempre esteve

---

<sup>29</sup> Ditado popular comumente usado pra se referir a uma memória comumente ouvida pela autora, quando alguém que é da zona rural ou assentamento ouve, quando se muda para a capital.

também presente em minha criação. Meu avô trocava peixes por farinha, uma das histórias que minha Mãe contava, e quando falava isso trazia na conversa imediatamente outra sujeita, minha bisavó, Dona Jovelina Flor, primeira coisa era falar as características dela, que segundo minha Mãe, Maria do Socorro, era pindorâmica e ,às vezes, achava que talvez fosse do Ceará. Sei que dizia que foi criada por uma mulher valente e que até usava calça, caçava, pescava e tudo mais.

Gostava muito de ouvir as histórias de Mãe e, até hoje, ali tem história demais. Ela sempre fala do dia que correu da onça, ou da lida de quebrar coco um dia e no outro ir para a escola, revezando os dias. Várias das histórias usava para aconselhar, sempre repetia e ainda repete para motivar. Trago-a aqui como referência dos meus primeiros contatos com a palavra viva, com a oralidade, minha Mãe, Avós, Tios-Avôs dos interiores de minha família, a farinhada também, o lugar de visibilização da biointeração, hábito recorrente pelos interiores, inclusive narrada no livro do Mestre Nego Bispo e os festejos de minha cidade, dos bairros e até das cidades vizinhas.

O contato com o orgânico foi determinante na caminhada, desde antes de eu entrar na instituição colonial do Estado, essa que adestra, que silencia e apaga os referenciais negros (pindorâmicos e femininos). Falo do epistemicídio, termo cunhado por Sueli Carneiro (2005) e os instrumentos coloniais do Estado. Nós negras, quando adentramos nesse lugar, todo cuidado é pouco para não se embranquecer, pois o saber eurocêntrico já faz sua parte adestrando, colonizando as mentes. Sobrevivemos nos aquilombando. Dito isso, é a comunicação entre os quilombos que mantém nossa sobrevivência.

Os encontros nas encruzilhadas foram o ponto principal para nossa chegada no agora. E a ideia dessa escrevivência é mostrar essa travessia, construí-la, caminhando e vendo aonde chegamos. Nossa corporalidade carrega todas as experiências que nos atravessaram, nos constitui e reconstitui à medida que as escrevo aqui, que troco com vocês, alguns momentos confusos, mas é assim o nosso pensar circular. Como já sinalizado por Beatriz Nascimento (2018): “Sinto-me sempre escrevendo de mim, mas esse mim contém muitos outros, então escrevo de um coletivo sobre e para essa coletivização”. É assim a caminhada coletiva, quando atravessadas por identidades que nos atravessam, somos então travessias, somos corpos duplos, que carregam dupla fala e dupla consciência.

Considero que seja isso, por achar que devemos valorizar nossa ciência-ancestral, portanto epistemologias orgânicas, que trazemos de dentro, de nossos quintais, de nosses mais velhas, que tem nas encruzilhadas a guarda e a proteção desses conhecimentos, que chegamos à escola colonial já com eles.

Pois, infelizmente, somos acometidos pelo epistemicídio, o qual limita a grandiosidade de nossa história, da resistência e suas técnicas. Uma invisibilidade e apagamento que traz inclusive perdas no tocante a outras possibilidades do pensar e ver o mundo, assim como fazer o giro à *sankofa*<sup>30</sup>. Ou seja, as Universidades e a sociedade como um todo perdem ao não permitir esses diálogos orgânicos, dos sujeitos que são tratados como objeto de pesquisa.

Falar desse entrave, da entrada dessas epistemologias quilombistas, faz com que nós intelectuais orgânicos que entramos na *catédra do saber* sofram e não nos sintamos pertencentes àquele lugar, que não cede lugar. É necessária uma descolonização<sup>31</sup> do saber para que epistemologias *contracolonialistas*<sup>32</sup> guardadas pelas comunidades e ou sujeitos territorializados, sejam vistas. Apontamos a visibilidade das humanidades e suas constituições diversal:

[...] cada performance ritual recria, restitui e revisa um círculo fenomenológico no qual pulsa, na mesma contemporaneidade, a ação de um pretérito contínuo, sincronizada em uma temporalidade presente que atrai para si o passado e o futuro e neles também se espurge, abolindo não o tempo, mas a sua concepção linear e consecutiva. Assim, a ideia de sucessividade temporal é obliterada pela reativação e atualização da ação, similar e diversa, já realizada tanto no antes quanto no depois do instante que a restitui, em evento (MARTINS, 2003, p. 79).

Imergir na reinvenção de mim, de nós, renovação das águas minhas e suas, indo à nascente para daí transbordar. Pontuo que nesse primeiro momento, busco fazer uma relação de minha trajetória até o encontro mais importante dessa escrita e ou oralitura, jogando também o meu corpo em performance.

O corpo em performance (...) é o lugar do que curvilinейamente ainda e já é, do que pôde e pode vir a ser, por sê-lo na simultaneidade da presença e da pertença. O evento encenado no e pelo corpo inscreve o sujeito e a cultura numa espacialidade descontínua que engendra uma temporalidade cumulativa e acumulativa, compacta e fluida. A performance atualiza os diapasões da memória, lembrança resvalada de esquecimento, tranças aneladas na improvisoção que borda os restos, resíduos e vestígios (MARTINS, 2016, p. 15).

---

<sup>30</sup> Sankofa: Sanko = voltar; fa = buscar, trazer. Provérbio tradicional dos povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Em Akan “se wo were fi na wosan kofa a yenki”, tradução: “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”. Simbolizado também por um pássaro ou galinha mítica que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro.

<sup>31</sup> Acabar com a situação de colonização de um povo, corporalmente e, nesse caso, mentalmente.

<sup>32</sup>

Somos, nós intelectuais pretes, considerados *outsiders within*, conceito resgatado por Patricia Hill-Collins (2016), a partir do ensaio sociológico sobre o conceito de *estrangeiro* de Georg Simmel (1921). Nós nos sentimos essa *estrangeira*, atravessada pelo epistemicídio. Mas quando se tem Óri, temos de ter os dois cadernos. E aqui me lembro de uma das conversas de Oríntação que tive com minha Oríntadora Janaína Damaceno Gomes, que menciona o afrosurto<sup>33</sup>, os males do eurocentrismo e tudo mais, ela, pleníssima, vira para mim e diz: “tá, mas você não deve também jogar fora o bebê junto com a água do banho”, trazendo uma metáfora muito usada pelas mais velhas, ao mesmo tempo que explica com uma micronarrativa de ditado. Falando algo que inclusive se desenhou para trazer para cá que é o diálogo na fronteira, não como limite, mas sim como encontro, trocando saber orgânico e sintético. É necessário estarmos atentes às duas versões de uma história e a entender ambas, termos as duas visões, inclusive se o intuito for pra ser contrário, antes é importante conhecer. Sobre esses dois cadernos, que muitas intelectuais negras dizem que devemos ter, aqui busco escrever, ou inscrever.

Conceição Evaristo (2017) nos fala que as escrevivências ajudam a curar, e a memória é uma colcha de retalhos. Vejo os retalhos como travessias, encontros, partidas e chegadas, fato é que a escrita é uma caminhada pela introspecção, ou uma lenta meditação, ainda mais quando se é compartilhada, se é feita pelos ouvidos, e se há de concordar que algumas inscrições não conseguem ser traduzidas nessa linguagem. Como bem nos alerta Grada Kilomba (2020): “a língua por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade”.

Sempre digo que nenhum encontro é encontro, na verdade se trata de reencontros para fazermos uma missão juntas. Não toco essa missão sozinha, disso tenho certeza, pois os ecos que se fazem presentes nessa narrativa têm vida. Dito isto, o emaranhado de lembrança, imagens e sensações se misturam e me traz de volta o dia em que conversei com Vô Nego Bispo sobre ser um eco dessa epistemologia que ele traduz e nos apresenta, um saber de morada quilombista. A primeira observação feita por ele foi sobre a importância da contrapartida para com o Quilombo, pois não tem serventia para comunidade um diploma de Mestrado, seria dialogando com ela para saber.

---

<sup>33</sup> Surge das gírias da internet e Aza Njeri faz uma conceituação que dialoga com a psicologia africana: “metaforizando seria a reação que o processo de consciência racial junto à memória dos racismos vividos causa no sujeito negro”.

A conversa com os mais velhos é sempre muito cheia de metáforas, cheias de história e muito aprendizado. O que mais me encanta são as entrelinhas das lições de vida, os conselhos, que para ser ouvido é preciso estar atento, aos detalhes da performance gesticular, na entonação e principalmente no olhar. Fui para encontrar e acabei, na verdade, sendo encontrada.

O mais importante do caminho não é a chegada, mas sim os encontros na caminhada. A caminhada de encontro do campo se fez através de encontros e reencontros, até eu ser encontrada pelo Jatobazinho, pela Dona Didi e es descendentes de Dona Minervina. Após o sim, Nêgo Bispo me consegue uma hospedagem solidária com um casal que trabalha junto às comunidades quilombolas do território. Raimunda Nonata é professora na Zona Rural, na Escola Manoel Auto de Souza, que atende às crianças e jovens quilombolas, e seu esposo Genivaldo Coêlho trabalha na extinta EMATER, que atende a muitas das comunidades quilombolas, fazendo acompanhamentos de projetos.

Minhas vistas chegam a brilhar ao saber desse encontro. Logo pensei, Bispo promovendo as confluências certeiras. Assim que cheguei ao local intermediado, o mais rápido que pude (qualidade da família, ser agoniada), logo puxei conversa para saber sobre as comunidades quilombolas do território, já estava por dentro de que haviam várias comunidades quilombolas enfrentando ameaça real da mineração, pois amigos da época da graduação estavam acompanhando, e havia pessoas conhecidas e comprometidas já há algum tempo atuando por ali, como a professora Maria Sueli Rodrigues.

Estávamos em revezamento com o evento e as grandes trocas, na verdade, dois grandes espaços, ambos atravessados pelos territórios quilombolas, os conflitos, as lutas, as pesquisas, os investimentos que estão chegando, como do Banco Mundial e outros tipos de intervenções, diretas e indiretas, como o Parque Nacional da Serra da Capivara e sua administração francesa, Fida, Viva Semiárido, entre outros emaranhados de confluências e transfluências, de conquistas, perdas e muitas lutas, como a das titulações de terras quilombolas.

Corri ao encontro-reencontro-encontro de Bispo, Quilombos e nós, nisso vi a modificação dessa pesquisa que não mais era só minha, desde que iniciei, nunca foi. Inicialmente estava indo mais para uma linha filosófica, não que esta não esteja presente juntamente com o imagético e a poética, mas sabe aquela preocupação em demonstrar e mostrar o mundoverso que é as cosmunidades do território de onde venho, onde sinto a pertença, sabendo da possibilidade de trazer pra cátedra, que às vezes transmite as vivências de uma forma distante. Eu não tenho como ser distante no lugar, e quão interessante é demonstrar

também pro *não lugar* que ocupo, outras formas de lugar que cabe à todes, sendo sempre fronteira-encontro e não fronteira-limite.

À medida que Genivaldo ia me falando sobre os territórios quilombolas, eu ia desenhando mentalmente um mapa de possibilidades, observando meu sentir, me apegando aos detalhes de cada história contada. Vale destacar algo muito importante aqui, as sensações e os sentidos, sejam eles visão, olfato, audição, paladar ou tato, pois são esses instrumentos epistemológicos utilizados durante toda a pesquisa, não haveria conexão imediata entre sujeita e sujeita, sendo esse ponto chave desse pesquisar junto, fazendo contraponto com o pesquisar separado, da modernidade, aquela que separa em dualidades racionais. O que apresentamos é o conhecimento *via* sensações, emoções, intuições e buscamos fazer a escrita gingar com o sentir, apresentar os sons, sabores e os ritmos, por pensar que talvez a linguagem narrada quer também ser sentida, talvez ela até gostaria de ser comida, cheirada, pra além da vista, por isso descrevemos como forma de inscrever um encanto escrito que foi encantado no oral, essa oral memória.

Composição que valoriza a transmissão em si mesma de uma memória que civiliza as sujeitas e seus descendentes através de uma construção/reconstrução dentro da cosmo-sensação/cosmopercepção (Oyéwùmí, 1997) de mundo de perspectiva afrodiáspórica. Mundo visão a partir da junção de todos os sentidos, sensações e sentimentos que atravessam a corpa oralidade e dos seus descendentes que estão em conexão com os mundos chamados físico e o não-físico, visível e invisível, verdadeiras presenças afropindorâmicas na diáspora. Somos afropindorâmicas. Somos seres de travessias, corpos trans-atlânticas, aqui alembrando Beatriz Nascimento, estamos em-migrações com nossos territórios-corpos.

Buscamos narrativas sobre o território. Além de umas reportagens, encontramos um curto vídeo de Dona Maria Lina, filha de Dona Minervina. O vídeo reforça o discurso sobre o sertão empobrecido e atrasado, com a imagem dos povos negros quilombolas no lugar da ausência. Foi feito a análise da visualidade e narrativa demonstrada no vídeo, onde o discurso é de ausência e não território de agência, mais uma repetição da forma de apresentar a população negra e pertencente ao sertão, temos então o reforço da imagem da pobreza e sofrimento, no vermelho sertão de dentro. As palavras na narração do vídeo é um texto de sofrimento, fé e sensacionalismo, ao tempo que apresenta uma geografia da pobreza, a partir do olhar do que seria desenvolvimento e progresso, sendo que se trata de um lugar de potência, de resistência forte, o qual deve sua existência a uma planta, ou melhor a plantas que os alimentaram e, antes disso, ao conhecimento e pertença do território, tendo ali saberes ancestrais de sobrevivência, como é o conhecimento das plantas, dos matos brabos, que curam e

dos matos que envenenam ou que são remédios. Soubemos de um material feito pela extinta, mas presente, EMATER, porém até o momento não conseguimos localizar, nem mesmo, o Quilombo que tem posse do material.

À medida que Genivaldo ia falando sobre o Jatobazinho, algo muito forte pulsava. Estava com o imaginário do lugar e das pessoas se formando muito forte em minha cabeça, repetida a cada nova descoberta ouvida em segunda pessoa. Nonata e sua Mãe lecionam para crianças e jovens da comunidade São João do Jatobazinho, o que nos traz aos atravessamentos sentidos por ela, mesmo se tratando de uma pessoa branca. Ela fala sobre as faltas na Unidade Escolar Manoel Auto de Sousa, onde não se tem bem uma aplicabilidade da lei 10.639/03, lei brasileira que tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares do ensino fundamental e médio, que sinaliza que os professores não são formados e nem capacitados para tal. Não há sequer o mínimo, que seria o atendimento às pessoas com deficiência, há somente uma rampa, sendo um ponto delicado já que a cegueira está presente na escola e na comunidade. Foi nos contada a história de que pra hoje o Jatobazinho existir, os descendentes de Dona Minervina tiveram relacionamentos consanguíneos, devido à discriminação racial do entorno. Acabou, então, havendo alguns nascimentos de crianças com cegueira total e/ou baixa visão.

Fui informada de que ainda restara viva a última filha de Dona Minervina e que ela guardava toda a história daquele território e suas formas de re-existir ali, isolados e vivos: Dona Rosilda Maria da Conceição, conhecida por Dona Didi. Genivaldo explicou que o quilombo São João do Jatobazinho era realmente de difícil acesso, só sabendo ir até ele quem souber o caminho, pois devia-se atravessar dois riachos. O local fica na zona rural no município vizinho, em Dom Inocêncio, inclusive pegando uma parte do Parque Nacional Serra da Capivara, do corredor florestal, ou seja, eram cinco horas de viagem de onde eu estava, em São Raimundo Nonato.

Foram estabelecidos vários contatos da parte de Genivaldo com outras pessoas que atuavam no território e conheciam o caminho. Quando retornei do evento na Universidade do Vale Rio São Francisco - UNIVASF, no evento *Jornadas da Caatinga*, onde tinha ido apresentar trabalho, soube que Genivaldo iria no Território Lagoas e me chamou para ir junto, conhecer o Mestre Seu Cláudio, liderança que continha a história falada, guardada e a inscrição do território, por vozes de seus ancestrais, inclusive pindorâmicos. Lá fomos e assuntamos. Genivaldo me deu a boa notícia de que no dia seguinte sairíamos às cinco horas da manhã para conhecer o Jatobazinho, que tanto ele como Nonata haviam falado noites anteriores, bem no dia de minha chegada, recepcionada com

constelações, juntando com os cosmo-sentidos, ativados pelo paladar d’um café forte e beiju com carneiro assado.

Nesse momento Bispo apareceu na cozinha dos encontros, ou melhor dizendo, na encruzilhada ali desenhada, sorriu e afirmou que havia feito a ponte e agora era comigo. Rememorei o que me disse a professora Janaína Damaceno: “vá e veja o que o campo lhe diz”. Realmente fui, ouvi e senti.

O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele? pergunta Riobaldo. “O sertão aceita todos os nomes: aqui é gerais, lá é o chapadão lá acolá é a caatinga. (ABRANCHES, 2016)

À medida que passávamos por cada quilombo do Território Lagoas, adentrando mais e mais a caatinga do verão, com suas plumagens, sua paleta de cores marrons e cinzas, mas que mesmo assim transparecia vida, com criações de cabras, cabritos, galinhas, muita palma plantada, que segundo Genivaldo seria para alimentar os animais e fazer também uma boa bebida. Vegetação de serestão que guarda vidas e histórias próprias, que mostra um viver junto com o lugar, formulando e reformulando modos de vida, guardados nas performances, da lida com a enxada, com os bicos, com o tempo, com o chão e suas mudanças de climas, com as danças que sobrevivem a gerações, cantos, rezas e encantos. Pequenas, médias e grandes comunidades, uma próxima à outra. Por cada uma que passávamos ele ia comentando, que por ali havia problemas recorrentes em todos os quilombos do território, o alcoolismo era um deles, mas o principal seria a ameaça da mineração, diante da qual, mesmo assim, ali *re-existiam* protegendo e sendo protegidos pela cosmunidade.

Era completamente incrível aquele trajeto que estávamos indo, tantos detalhes rapidamente passando pelos meus olhos, um sol escaldante, casas circularmente próximas umas das outras, bichos soltos, Senhoras em janelas, algumas pessoas em seus quintais na lida do arado, outras Senhoras conversando com suas vizinhas, e, ao mesmo tempo, a poeira intensa. Muitos detalhes passavam rapidamente em meio aos meus olhos e eu só pensava o quanto aquele território era enorme e o quanto de riquezas e histórias ali haviam guardadas. Muita gente com pele *cor da noite*, de diferentes gerações.

Além de perceber a formação circular dos quilombos ali, havia a beleza intensa saltada daquela vegetação, em meio a caatinga, ao cerrado, ao semiárido, ao ser-tão, tantas misturas ali que faltavam palavras. Estábamos indo para a Lagoa do Calango, conhecer e conversar com Seu Cláudio, liderança quilombola, lavrador, mestre da oralidade do Território Lagoas, guardador da história dali.

Chegamos ao pôr do sol na Lagoa do Calango, o sol fazia sua performance em meio a um campo, e lá no fundo estavam algumas árvores que pareciam posar para uma foto e elas posaram mesmo. Outra foto foi tirada e guardada na lembrança. De Seu Cláudio nos recebendo de braços abertos e sorriso largo, já nos convidando para entrar e sentar todos em sua pequena sala. Lá estava também sua esposa Dona Maria, com um olhar meio triste e distante, em uma cadeira de rodas. Logo vi que ela lutava contra algum problema de saúde que afetava suas pernas. Ela disse que se encontrava muito doente, que os remédios só aumentavam, que se eu tivesse a conhecido antes ia ver o quanto ela era ligeira, não parava quieta, cuidava de bicho e de suas plantas e ervas, e que agora estava ali assim.

Somos logo apresentados por Genivaldo, que diz que sou uma grande amiga de Bispo e da família que está passando uns dias na casa dele e que queria muito vir até os quilombos conhecer a história do lugar e da luta, da luta dele. Seu Cláudio ri e diz que então era coisa demais. Logo eu digo que já ouvi falar muito dele, demais, quando estava andando pelo rumo dos quilombos barro vermelho e contente, de São João do Piauí. Ouvia falar muito dele e da resistência ali do território, e o quanto era lindo aquele lugar que eles protegiam. Havendo diálogo possível com quem já escreveu-viveu por esse cotidiano dos territórios afro pindorâmico em luta por sua terra, pela não devastação pela mineração.

É de verdade a forma como é feita a acolhida de qualquer pessoa que vá aos territórios negros com boas intenções, com coração aberto. O nosso povo é amável, feliz, mesmo com todas as batalhas cotidianas para ter o que já é seu, vivendo ameaçados, mas sem perder o brilho nos olhos e principalmente a esperança.

E começamos a conversar, ele interessado já carregando as cadeiras lá pro terreiro da frente de casa, porque a luz do sol já estava indo embora e ele queria pegar os últimos raios de sol. Contei pra ele que era minha primeira vez no Lagoas, mas já ouvi falar, tanto por Bispo como pelos meus amigos da Assessoria Antônia Flor, que ali havia ido pra conhecê-lo pessoalmente e prosear com ele, um mais velho guardador da história dali e que está à frente da luta. Pedi permissão para gravar e ele foi super aberto. Disse que falaria sim que era só perguntar, já sentando e dizendo que vivia pra luta dali, até os últimos dias de vida que ele tivesse.

Existe algo de singelo e imenso nessa habilidade de encontrar e ser encontrada por lugares e pessoas, tão nosso, tão nossa, tão daqueles todos dones da sua liberdade, paixão e respeito pelos seus mundos (*visível e invisível*). A comunidade ali que os protege por que os fortalecem, a raiz do lugar promove a

proteção e zelo com seus filhos e filhas. Estar, chegar ali e não sentir é não residir em si próprio. Como diz minha Vó: “só quem vive, quem já viveu, é que sente”.

**Foto 1:** Re-Encontro. Dona Didi e o Coroá, no rio Porção, com as netas Carla e Angélica



*A primeira vez que me encontrei com Dona Didi e fomos apresentadas, ela estava com as netas na beira do rio, na labuta com o caroá. Aqui mostra, muito satisfeita as tiras, após o segundo ciclo, que é a retirada da casca com espinhos, para deixar de molho nesse mesmo rio. Bem dizer, ela saiu cedim pra não ser notada, já que os filhos não querem que ela se esforce tanto, devido a idade. Mesmo assim, nesse dia ela conseguiu sair às escondidas. Depois de colher o coroá, se tira os espinhos e coloca-o de molho no rio ou nas pequenas lajas existentes no Quilombo, formadas pelas chuvas. Fonte: [Autora], 10 de agosto de 2019.*

O rio sempre foi um lugar de encontro e reencontros para mim e não poderia ter sido diferente esse reencontro com Dona Didi, mesmo essa temporalidade sendo nosso primeiro encontro. Ou melhor dizendo, quando o campo me encontrou, quando a água doce de novo foi encontro. Sendo eu uma ribeirinha, aquele lugar, o rio Porção, foi o lugar não só de reencontro mas também de encanto, encantamento esse feito ainda bem no início, quando no começo da prosa com Dona Didi pergunto se ela gostaria de cantar alguma reza e ela inicia uma que é tão importante para a época de verão intenso. Quando a conversa com o sagrado se faz em reza, essa cantada para encantar o tempo e ele mudar, ele chover. Reza essa sempre muito presente em sua contação, muitos momentos sendo portal de trazer memórias:

aqui tô em vossos pés,  
pedindo água com bandança<sup>34</sup>,  
meu Jesus de Nazaré,  
pedindo água com bandança,  
meu Jesus de Nazaré  
Ai os outros arrespondia  
quem quiser chuva na terra,  
se apegue com São José,  
é um santo milagroso,  
pela vossa santa fé  
(Dona Didi, Reza de São José)

Quando se canta uma reza ela se inscreve naquele lugar, porque dali faz parte e é daquele lugar, possuindo uma serventia no simples fato de ainda ser lembrada. Pensei nas rezas que me foram ensinadas desde pequena, uma reza para acudir cada situação. Ali tínhamos uma, o chamado para a chuva vir, uma responsável que encanta no canto pra ser atendida por São José, esse que também verá a performance da *bandança*. As palavras numa reza devem seguir aquelas ditas daquele jeitinho, se se muda o jeito de dizê-las, já é uma outra e não mais aquela.

Quando ali cheguei e fomos apresentadas, os olhos sorriram, se vê uma à outra, sem grandes diferenças, ali sujeita — sujeita é outra forma de pesquisar, afinal o tratamento segue sendo como aprendi desde pequena, pedir licença, pedir a *bença* e explicar dentro da verdade. Partindo do ponto que já estava encantada com a história de Jatobazinho, quando encontro a matriarca mais velha do lugar, que também é a guardiã da história, só se efetiva a certeza de que é ali e é com ela que pesquisaremos. Penso no encontro-reencontro desse dia como lugar frutificador, fortificador, ali selando a possibilidade de seguirmos juntas em um propósito de resgate, ou melhor, de rememorar não só uma ancestral, mas a própria ancestralidade ou rastro ancestral tanto simbólico quanto físico que é viva no quilombo São João do Jatobazinho, conhecido pelos arredores como Quilombo das Minervinas ou Os Nêgo das Minervinas.

A pesquisa não teve fim em escrita, tão somente que sua continuidade é um filme biografia cartográfica da comunidade, onde se propuseram fazer oficinas de fotografia, de manuseio de gravador, manuseio de maquinha pra gravar

<sup>34</sup> Chamamos de *rudia*, um pano enrolado que se coloca na cabeça pra carregar o balde com água, ou lata d'água.

vídeo e ajustar cor. Nos dias que se seguiram em campo, foram feitas exibições de filmes, seguidas de uma roda de conversa sobre modos de vida na caatinga, com diferentes públicos e idades, mas focando sempre nos estudantes quilombolas que frequentavam a escola. A proposta da gravação de um filme, se deu como contrapartida para com a comunidade, que gostaria de grafar em imagem a geração avó, compartilhando a narrativa de sua existência territorializada no quilombo São João do Jatobazinho. Partimos de um encontro que envolveu o compartilhamento de memórias guardadas na rede de caroá, essa artesania – renda do quilombo Jatobazinho, já que todo o processo até a rede ficar pronta é de pelo menos 15 dias. O primeiro movimento é colher a planta, que não pode ser semeada, pois ela tem seu tempo de colheita na seca, mas fica de molho na agua pra que sua fibra amoleça para que após ser batida nas pedras da baragem, com o pau de jucá, para daí ser estendida no sol até ficar seca e pronta pra trabalhar a criação da rede, que se dá de forma coletiva, uma construção que precisa de outras mãos, mais velhas e acostumadas com a fibra cortante e resistente que escreve a memória na rede, seja trançando a rede de caroá, ou contando histórias antigas no momento, em meio ao trançado, para que se grave a história naquela performance. Todos os compartilhamentos foram aprendizados sobre coletividade, sobre a alegria de bem viver envolvida com um bioma que é um verdadeiro alquimista que muda de cor, textura e espinhos a cada temporada de sóis. Agradeço ouvir as rezas, as puxanças e força do pertencimento coletivo do valor comunitário de ser.

## REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio. “A ecologia de Grande Sertão: Veredas”. 2016. acesso no <https://www.oeco.org.br/colunas/sergio-abranches/16507-oeco-15318/> em 08.08.2020 às 09:00.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozie. Os perigos de uma história única. In: CONFERÊNCIA ANUAL – TEDGLOBAL 2009, 21-24 jul. 2009, Oxford. Oxford: TED, 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia>. Acesso em: 16 jun. 2018.
- ANJOS, R. S. A. Geografia oficial, cartografias invisíveis, geotecnologias & educação geográfica. Boletim Paulista de Geografia – BPG. v. 99, 2018.
- BÂ, Amadou Hampâté. Amkoullel, o menino Fula. São Paulo: Palas Athena, 2003.
- CARVALHO, J. J de. Sobre o notório saber dos mestres tradicionais nas instituições de ensino superior e de pesquisa. Cardernos de inclusão, n. 8, p. 5-13, 2016.

- CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010.
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.
- DAMACENO, Janaina. O corpo do outro. Construções raciais e imagens de controle do corpo feminino negro: O caso da Vênus Hotentote. Fazendo Gênero 8 – corpo, violência e poder. Florianópolis, de 25-28 de agosto de 2008. ST 69 - Pensamento negro, corporeidade e gênero: textualidades acadêmicas, literárias e ativistas.
- DU BOIS, W.E.B. *As almas da Gente Negra*. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1999.
- EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.
- \_\_\_\_\_. Gênero e etnia: uma escrita(vivência) de dupla face. In:
- \_\_\_\_\_. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (org.). *Representações performáticas BRASILEIRAS: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007, p. 16-21.
- \_\_\_\_\_. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.
- FARIA, Ana Tereza Dutra Pena de. Comunidade quilombola Lagoa. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. Disponível em: <https://antigo.incra.gov.br/media/docs/quilombolas/memoria/lagoas.pdf>. Acesso em: 17 out. 2020.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. A questão política das chamadas “terras de preto”. Textos e Debates, Florianópolis, ano I, n. 2, 1990.
- GYASI, Yaa. *O caminho de casa*. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
- HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage, 1997.
- MAKOTA VALDINA. Ancestralidade.In:AGÔ – MÚSICA E ANCESTRALIDADE. [online] 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=N9l4diwjRbU&ab\\_channel=Ag%C3%B3-](https://www.youtube.com/watch?v=N9l4diwjRbU&ab_channel=Ag%C3%B3-). Acesso em: 9 jul. 2021.
- MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: UFPB, Ideia/Editora Universitária, 2005, p. 201- 212.
- MARTINS, Leda. Performance da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória. Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM, Santa Maria, n. 2, p. 63-81, jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. Oralitura. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (org.). *Performance, exílio, fronteiras, errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Poslit, FALE/UFMG, 2002. p. 66-89.

- MARTINS, Leda. Afrografias da memória, o reinado do rosário do Jatobá. São Paulo Ed. Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.
- MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- MACHADO, Vanda. Pele da cor da noite. Salvador: EDUFBA, 2013.
- NASCIMENTO, Abdias. do. O Quilombismo. 2. ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002.
- \_\_\_\_\_. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- \_\_\_\_\_. Por um território (Novo) Existencial e Físico. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.
- NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos Gerais para uma ética Afroperspectivista. Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p. 147-10, nov. 2011-fev. 2012.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké'. La invención de las mujeres. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: la frontera, 2017.
- PAZ, Francisco Phelipe Cunha. MemORÍa, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. Problemata, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2019.
- RAMOSE, Mogobe B. African Philosophy through Ubuntu. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.
- RATTS, Alex (org.). Eu sou Atlântica: Sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.
- SANTOS, A.B. Colonização, quilombos, modos e significações. Brasília: INCT/UnB, 2015.
- SANTOS, Tiganá Santana Neves. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. 2019. 234f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, M. A . A.; SILVEIRA, M.L. (orgs.) Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Annablume/Hucitec/ANPUR, 2002.
- SEMEAR INTERNACIONAL. PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO – Piauí. [online], [s.d.] Disponível em: <http://portalsemear.org.br/fida/projeto-viva-o-semiarido/>. Acesso em: 9 jul. 2020.
- SODRÉ, Muniz A. C. Pensar nagô. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se Negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SOUZA, Maria Sueli Rodrigues. Conhecimentos tradicionais associados a biodiversidade, racismo e territorialidades quilombolas: racismo institucional e ambiental na titulação de territórios quilombolas. In: LIMA, Solimar Oliveira; Adelmir FIABANI (orgs). Sertão Quilombola: comunidades negras rurais no Piauí, EDUFPI, Teresina. 2017, p. 79-129.

SILVA, Fabiana Carneiro. Remate de Males, Campinas-SP, v.40, n.1, p. 105-119, jan./jun. 2020.

SILVA, Ana Claudia Matos. Uma escrita contra-colonialista do Quilombo Mumbuca Jalapão-TO. 2019. 107f. Dissertação (Mestrado profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TAVARES, Julio Cesar de. Gramáticas das corporeidades afrodiásporas: perspectivas etnográficas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020.

VILLENA, Patricia. A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo: entre a harmonia e a contradição. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

Data de recebimento: 17 de julho de 2024

Data de aceite: 22 de julho de 2025

### **Como citar este artigo:**

LIMA, Maria da Conceição Ferreira. “Os nêgo da Minervina e a Rede do Caruá”: confluências da memória e biointeração no Quilombo São João do Jatobazinho/Piauí. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.15, p. 1-31, e151342. Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v15.1342>